

A PARTICIPAÇÃO DO SETOR CORTICEIRO IBÉRICO NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS DO SÉCULO XIX (1857-1904)

Carlos Manuel Faísca

(Universidad de Extremadura | Município de Ponte de Sor)

1. Introdução

No século XIX, o setor corticeiro assumiu uma grande importância nas duas economias ibéricas, sendo um componente fundamental das exportações de Espanha e de Portugal. Simultaneamente, no contexto da industrialização do «mundo ocidental», surgiram grandes feiras de promoção económica, as exposições universais/internacionais. Este artigo aborda precisamente, em perspetiva comparada, a participação do setor corticeiro de Espanha e de Portugal em diferentes exposições universais/internacionais com início na segunda, a Exposição Universal de Paris, em 1857, até à Exposição Universal de St. Louis, em 1904.

O objetivo é compreender se existiu um maior empenho de qualquer um dos Estados na promoção do respetivo setor corticeiro, visto que coube a estes a iniciativa de organizar a participação neste tipo de certames, bem como sublinhar se algum dos expositores, portugueses ou espanhóis, se destacou especialmente. Para o aferir, recorreu-se essencialmente aos catálogos e outras publicações oficiais surgidas a partir da participação de cada país em cada uma das exposições universais/internacionais, tendo sido possível obter informações na grande maioria dos casos, excetuando-se a Exposição Internacional de 1880, em Melbourne, e a Exposição Internacional de 1897, em Bruxelas. No entanto, para além destas duas, não foi possível obter informações sobre a participação de Espanha na Exposição Internacional de 1862, em Londres, bem como, no caso de Portugal, na Exposição Universal de Paris, em 1878, na Exposição Universal de Barcelona, em 1888, e na Exposição Universal de Chicago, em 1893. Estas

lacunas permitem que ainda haja espaço para um futuro aprofundamento da questão.

Tendo em conta os objetivos e limites deste trabalho, optou-se pela seguinte estrutura: uma breve abordagem ao desempenho do setor corticeiro ibérico oitocentista, bem como à contextualização da importância da participação deste nas exposições universais/internacionais. Segue-se uma análise da participação do setor corticeiro português e, em seguida, do espanhol em diferentes exposições universais/internacionais. Por último, apresentam-se as respetivas conclusões.

2. O setor corticeiro ibérico do século XIX e a importância das Exposições Universais/Internacionais

O século XIX foi um período de grande afirmação do setor corticeiro como atividade económica na Península Ibérica devido, quase em exclusivo, ao forte crescimento da produção industrial rolheira. De facto, a centúria de Oitocentos, não obstante os graves problemas surgidos com a disseminação de pragas e doenças como o oídio e a filoxera, foi marcada por um sólido crescimento mundial do setor vitivinícola (Simpson, 2011), o que levou a uma maior procura de rolhas de cortiça e, conseqüentemente, de consumo de matéria-prima. Neste contexto, as atividades industriais corticeiras, desde a extração de cortiça à produção de rolha e respetiva comercialização, expandiram-se numérica e geograficamente, estendendo-se ao Sudoeste Peninsular¹, a maior região do mundo de produção florestal de cortiça (Natividade, 1950, 53), mas até então com pouca atividade industrial corticeira que se situava essencialmente na Catalunha e, em menor medida, no Sul de França e em alguns países não produtores florestais de cortiça como o Reino Unido ou a Alemanha. É aliás a partir sensivelmente da década de 1830 que se desenvolvem, na Extremadura, as atividades de exploração florestal, transformação industrial e comercialização de cortiça (Parejo Moruno, Fáisca, Rangel Preciado, 2013).

Neste período, o setor corticeiro apresentou-se como uma das mais pujantes atividades económicas em Espanha e, sobretudo, em Portugal onde praticamente até então não existia. Assim, a cortiça foi o produto agroflorestal que mais cresceu no Produto Agrícola Bruto português (Lains, Sousa, 1999; Branco, Silva, 2014, 222) tornando-se também, no final do século XIX, a mercadoria industrial mais exportada (Lains, 1995, 92-93). Neste contexto, não é de admirar que a fileira da cortiça² surgisse como o segundo setor mais exportador da economia portuguesa, apenas superado pela venda de vinho ao estrangeiro.

¹ O Sudoeste Peninsular na geografia corticeira entende-se pelo sul de Portugal, essencialmente Alentejo e Algarve, bem como pelas Províncias espanholas de Extremadura e Andaluzia.

² Ou seja, o somatório da exploração florestal com a transformação industrial e a respetiva comercialização.

A participação do setor corticeiro ibérico nas exposições universais

Figura 1 – Percentagem das exportações corticeiras no total das exportações portuguesas (1850-1890)

Anos	%
1850-59	2,7%
1860-69	3,8%
1870-79	5,3%
1880-89	11,3%
1890-99	12,8%

Fonte: Parejo Moruno, 2009, 86

Ainda assim, o setor corticeiro português era, por comparação com o espanhol, menos industrializado e, conseqüentemente, menos gerador de valor acrescentado, já que na viragem do século XX apenas 23% das exportações portuguesas de cortiça eram de produtos transformados (Parejo Moruno, 2009, 89), cenário que também se pode aferir pelo parque industrial dos dois países, substancialmente maior no caso espanhol.

Figura 2 – Parque industrial corticeiro em Espanha e Portugal

Anos	Espanha		Portugal	
	N.º fábricas	N.º Trab.	N.º fábricas	N.º Trab.
1880	850	11.500	45	1.612
1900	1.250	34.000	115	5.000

Fonte: Parejo Moruno, 2009, 88

O setor corticeiro espanhol caracterizava-se precisamente pela sua forte industrialização, visto que mais de 90% das suas exportações correspondiam a produtos transformados (Parejo Moruno, 2009, 85), mas também por uma menor preponderância no seio da respetiva economia. De facto, as exportações corticeiras situaram-se entre os 2 e os 3% do total das exportações espanholas, o que se explica também pelo facto da economia espanhola ser maior e, apesar de tudo, mais diversificada do que a portuguesa. Todavia, os produtos corticeiros ocupavam um dos primeiros lugares no comércio de produtos agrários espanhóis (Parejo Moruno, 2009, 87).

Por último, outro fator estruturante do setor corticeiro ibérico é o seu carácter fortemente exportador. Assim, em Espanha, o mercado interno representava, até ao eclodir da Grande Guerra, menos de 1% das exportações de cortiça espanholas (Parejo Moruno, 2009, 25), acontecendo algo semelhante no caso português (Lains, 1995, 95).

Ora, tratando-se de um setor com uma forte vocação exportadora e tão influente nas economias ibéricas do século XIX, torna-se interessante verificar o desempenho deste nas diferentes exposições universais que ocorreram nesse período, já que se trataram, muito provavelmente, dos maiores mostruários da época para a afirmação de todo o tipo de produtos nos mercados internacionais. Por outro lado, ações de marketing eram já um fator fundamental para o capitalismo empresarial oitocentista (Chandler, 2004, 17) e, inclusivamente, as boas campanhas de promoção comercial internacional que a Junta Nacional de Cortiça executou ao longo de grande parte do século XX é um dos fatores apontados pela historiografia económica para a ascensão de Portugal a líder mundial do negócio corticeiro (García Pereda, 2009)³.

Assim, no século XIX, de tal forma estes eventos foram importantes, que a organização da participação nas exposições universais/internacionais partiu quase sempre dos Estados, tendo estes assumido a responsabilidade de levar uma amostra transversal de quase todas as atividades humanas que se desenvolviam nos seus territórios, onde se integraram também muitos agentes privados. Claro que houve exceções, com a participação de agentes privados com recurso a financiamento próprio, sobretudo em períodos em que tensões políticas levaram ao boicote das exposições por parte de alguns Estados⁴. No entanto, pode-se referir, apenas como exemplo, que as participações espanholas até à Exposição Universal de 1900 eram da responsabilidade do Ministério do Fomento, passando depois, devido a uma reformulação orgânica, para a alçada do novo Ministério da Agricultura, Indústria, Comércio e Obras Públicas (Lasheras Peña, 2009, 233-234).

Indubitavelmente as exposições universais/internacionais constituíram excelentes oportunidades para que cada país participante pudesse passar uma imagem de desenvolvimento económico, de captação de investimento estrangeiro e de procurar introduzir os seus principais produtos nos mercados internacionais, num contexto de extraordinária expansão do comércio internacional (Lasheras Peña, 2009, 74-82). Não admira então que quase todo o «mundo civilizado» se fizesse representar, participando, para além dos países industrializados da Europa e Estados Unidos da América, quase todos os recém-formados estados da América Latina, países e colónias africanas – como Marrocos, Tunísia ou África do Sul –, estados asiáticos – Japão e China, por exemplo – e mesmo territórios da Oceânia – Austrália e Nova Zelândia.

³ Sobre a ascensão de Portugal a primeira potência mundial corticeira veja-se Zapata Blanco 2002, Branco, 2005 e Parejo Moruno, 2009. É ainda de referir que o marketing internacional continua a ser um dos eixos estruturantes da Associação Portuguesa de Cortiça (APCOR, 2017).

⁴ Foi o que aconteceu com muitos artistas Alemães aquando da Exposição Universal de 1889, em Paris, boicotada por ordem do Chanceler Otto Von Bismarck (Lasheras Peña, 2009, 79).

3. A cortiça portuguesa nas exposições universais

Logo na Exposição Universal de 1855, a primeira de cinco que decorreu em Paris até ao eclodir da Grande Guerra, a cortiça portuguesa fez-se representar, segundo Andrade Corvo, de forma digna, merecendo a atenção do Júri da Exposição de Paris, sendo, pelo menos em alguns casos, comparável à melhor cortiça de Espanha (Corvo, 1857, 340-341). De facto, foram 11 os expositores portugueses que apresentaram cortiça, quer fosse numa lógica puramente florestal, isto é, em bruto, caso, por exemplo, do Duque de Bragança, do Barão de *Forrester* ou do proprietário eborense Francisco Joaquim da Fonseca, quer fosse após a sua transformação industrial em rolhas, como fizeram as empresas *Bies-ter, Falcão & C.^a*, de Sines, *Thomas Reynolds*⁵, de Estremoz ou Francisco Joaquim Fonseca, de Évora. Existiu ainda espaço para a demonstração da utilização de cortiça em outras aplicações, tal como fez o portimonense Joaquim José Júdice dos Santos, com a apresentação de redes de pesca com boias de cortiça (Corvo, 1857, 341).

Na Exposição Internacional de 1862, em Londres, parece não ter havido uma especial participação da cortiça portuguesa, já que não obstante constar no aviso governamental o pedido de envio de cortiças preparadas e não preparadas na primeira secção (produtos vários) da classe 9 (produtos cultivados), a verdade é que na lista oficial de prémios atribuídos não surge qualquer referência a produtos corticeiros (Archivo Rural, 1863, 637-640). Regressada à capital francesa, pouca informação foi possível obter sobre a participação portuguesa na Exposição Universal de 1867, identificando-se apenas que a cortiça foi exposta na Galeria V, junto de outros produtos da Classe XLI – Produtos das explorações e das indústrias florestais (Exposição Universal de 1867 em Paris, 31). Situação semelhante acontece com a Exposição Mundial de Viena, em 1873, onde apenas se apurou que a cortiça esteve exposta no oitavo grupo – manufaturas de madeira (Exposição Universal de Vienna de Áustria em 1873).

Os Estados Unidos da América acolheram a Exposição Internacional de 1876, tendo sido escolhida para o efeito a cidade de Filadélfia, na qual se assinou a declaração de independência norte-americana que então cumpria um século. A delegação portuguesa era composta, pelo menos, por uma representação da Administração Geral das Matas, organismo estatal que por si próprio apresentou 20 amostras com cortiça. Numa demonstração «eclética» da fileira da cortiça, a Administração Geral das Matas apresentou cortiça em bruto de

⁵ Thomas Reynolds é também uma figura destacada da atividade corticeira extremeña, existindo registos da sua atividade em Albuquerque em 1838, onde vai estabelecer uma fábrica na Rua de La Mesta. Veja-se PAREJO MORUNO, Francisco; FAÍSCA, Carlos Manuel e Rangel Preciado, José – “Los orígenes de las actividades corcheras en Extremadura: El corcho extremeño entre catalanes e ingleses”. *Revista de Estudios Extremeños*, Badajoz, Tomo I, Ano LXIX, 2013, p. 461-490.

excelente qualidade e com alguns dos defeitos mais comuns (com formiga, picadas de pássaros e cortiça de tímido crescimento), cortiça preparada ou em preparação (raspada antes de ser cozida e já cozida), produtos de cortiça transformada não vedantes (esfera de cortiça) e rolhas de cortiça de diferentes qualidades. Neste último caso, a organização estatal recorreu a um acordo comercial com a firma *Biester, Campos & C.^a* (Portugal. Administração Geral das Matas do Reino, 1876).

Figura 3 – Pavilhão principal da Exposição Internacional de 1876, Filadélfia



Fonte: International exhibition, 1876

A Exposição Universal de 1889, novamente em Paris, contou com 32 expositores de cortiça portuguesa entre “(...) *cortiça manipulada e em bruto, o maior numero d’esta (...)*” (Marçal, 1892, 399). Vinte deles vieram da 6.^a Região Agronómica – Portalegre/Castelo Branco, cujo responsável, Ramiro Larcher Marçal, fez questão de produzir um relatório que veio a ser publicado no Boletim da Direcção-Geral de Agricultura, em 1892. O agrónomo revela-se bastante crítico da participação do setor corticeiro português, considerando que “(...) *as cortiças foram (...) muito mal representadas tanto em relação ao numero de expositores e de amostras como à quantidade d’estas (...)*”, tendo em conta que Portugal “(...) *exporta cortiça de primeira qualidade (...)*”, mas que nesta feira acabou por fazer “(...) *triste figura ao lado da exposição de cortiças da Argélia (...)*” (Marçal, 1892, 399-401). Na opinião de Ramiro Marçal, esta situação devia-se ao facto da maior parte da cortiça portuguesa estar nas mãos de empresas estrangeiras, da convocatória para a exposição ter saído fora da época da extração de cortiça só podendo concorrer quem tivesse

conservado amostras dos anos anteriores, e da decisão repentina e tardia na representação da agricultura nacional em Paris. No entanto, há que matizar um pouco este relato, visto que o número de 30 expositores não só é o segundo mais elevado que foi possível encontrar nas participações portuguesas, apenas superado pelos 34 da exposição de 1900, como também é superior, por exemplo, ao de expositores espanhóis de cortiça na Exposição Universal de Barcelona de 1888. Por outro lado, o próprio agrónomo relata que se obtiveram “(...) *as primeiras classificações e as primeiras medalhas para as poucas amostras que tínhamos à disposição, mas onde o jury adivinhou a superioridade do produto (...)*” (Marçal, 1892, 399). Ou seja, à luz do que foram as anteriores participações ibéricas, e tendo em conta o que serão as demais, não parece justo traçar um panorama tão derrotista, mesmo que de facto a cortiça argelina tenha tido um desempenho acima da sua qualidade, o que nem é de estranhar, visto que a Argélia era administrada por França, país organizador da Expo 1889.

Passados onze anos, a Exposição Universal de 1900, também ela em Paris, consagrou um grande número de expositores portugueses de cortiça. Assim, foram atribuídos dois *Grand-Prix*, a classificação mais elevada do certame, respetivamente ao Duque de Bragança e à firma *O. Herold & C.^a*. A estes juntaram-se oito medalhas de ouro, quer a expositores meramente florestais, como a *Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado*, quer a produtos industriais, representados, por exemplo, pela *Sociedade Nacional de Cortiças*, empresa ligada à família *Reynolds*, ou pela *Villarinho & Silves*, ou ainda por expositores com ambas as vertentes, como é o caso da nortenha *Sociedade Clemente Ménères* (Exposição Universal 1900, 1902). Houve ainda lugar a três medalhas de prata, a três medalhas de bronze e a quatro menções honrosas. O total de expositores premiados foi de vinte, o que por si só significa uma boa representação, mas o contingente corticeiro luso foi o mais numeroso que se conseguiu apurar, com um total de 34 expositores (Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, 1901, 64), dos quais mais de metade foi premiado, o que parece indicar um real esforço público e privado na promoção da fileira da cortiça portuguesa.

Regressada ao continente americano, agora para comemorar a compra do território do Louisiana pelos Estados Unidos da América a França, a Exposição Internacional de 1904, que teve lugar na cidade St. Louis, Missouri, contou com uma extensa participação de proprietários e de industriais corticeiros sediados em Portugal. Desde o Algarve, representado pelo judeu fareNSE *Abraham Amram* e pela *Villarinho&Sobrinho*, passando pelo Alentejo, Ribatejo, Estremadura, até ao Norte, com a presença, por exemplo, de José Dias Coelho, de Espinho, ou da empresa *Barbosa&.C.^a*, do Porto, o total de entidades representadas ascendeu às 24. Isto quando, provavelmente por motivos políticos, a delegação espanhola só apresentou um único expositor corticeiro (Universal Exposition, 1904). Infelizmente não foi possível obter a lista de premiados para se descortinar o sucesso da participação lusa.

4. A cortiça espanhola nas exposições universais

A cortiça espanhola, tal como a portuguesa, esteve representada na Exposição Universal de 1855, em Paris, conforme relata Andrade Corvo, referindo as amostras de cortiça trazidas pela Escola Florestal de *Villaviciosa de Odón* das províncias de Toledo, Santander, Ávila e Gerona (Corvo, 1857, 319). Em relação a esta última, coração à época da indústria de transformação de cortiça espanhola, a respetiva exposição deixou uma grande impressão no estadista português, que não hesita em afirmar que na Catalunha “(...) a produção de cortiça é muito considerável, dirigida e preparada com muito cuidado (...)” (Corvo, 1857, 327). Sete anos volvidos, na Exposição Internacional de 1862, em Londres, e um pouco à semelhança da participação portuguesa, a cortiça espanhola aparentemente encontra-se ausente sem a atribuição de qualquer prémio (Luxan, 1863).

Regressada a Paris, a Exposição Universal de 1867 contou com uma participação corticeira espanhola mais visível, mas ainda algo tímida ou, no mínimo, subaproveitada em relação ao real valor da fileira da cortiça em Espanha. É pelo menos este o sentido da avaliação feita por parte do economista Francisco José Orellana, já que a importante indústria rolheira espanhola encontrava-se somente representada por “(...) uma pequena oficina rolheira composta por simples operários, um homem e uma mulher (...)”, o que “(...) nem pela sua organização, nem pela habilidade das pessoas empregadas, representa minimamente a indústria rolheira espanhola (...)”⁶ (Orellana, 1867, 184). Orellana vai mais longe afirmando que com este tipo de participação, teria sido preferível suprimi-la, tal como acabou por acontecer aquando da publicação do catálogo oficial da exposição (Orellana, 1867, 184), lamentando ainda que, apesar do elevado número de expositores espanhóis de cortiça em bruto, representantes da componente florestal da fileira da cortiça, eram muito poucos os de rolha, essencialmente apresentando rolhas ordinárias, não obstante ele saber que o prestigiado D. José de Barris teria enviado as suas melhores classes, mas que por algum motivo não foram expostas (Orellana, 1867, 187). Porém, contradizendo a alegada supressão da presença de cortiça no catálogo oficial, no *Catálogo General da Seccion Española*, publicado pela *Comision Régia de España*, ainda em Paris no ano de 1867, dá-se conta de 15 expositores com cortiça num total 85 que concorreram na classe 41, do grupo V, denominada *Productos de beneficio e industrias forestales* (Comision Régia de España, 1867, 206-215). Destes quinze, um terço, todos catalães, apresentam rolhas de diversas qualidades, enquanto os restantes dez participam com cortiça em bruto ou em prancha, entre os quais um único produtor extremeño, José Boyero Penis de Salorino, província de Cáceres (Comision Régia de España, 1867, 207). Já mais condizente com o testemunho de Francisco Orellana é o facto de apenas um,

⁶ Tradução a partir do castelhano efetuada pelo autor.

D. Pelayo Camps, proprietário Girondense, ter sido premiado com uma medalha de bronze pelas suas amostras de cortiça em bruto (Orellana, 1867, 211; Comisión Régia de España, 1867, 497), não se verificando, de facto, quaisquer amostras vindas da parte de D. José de Barris.

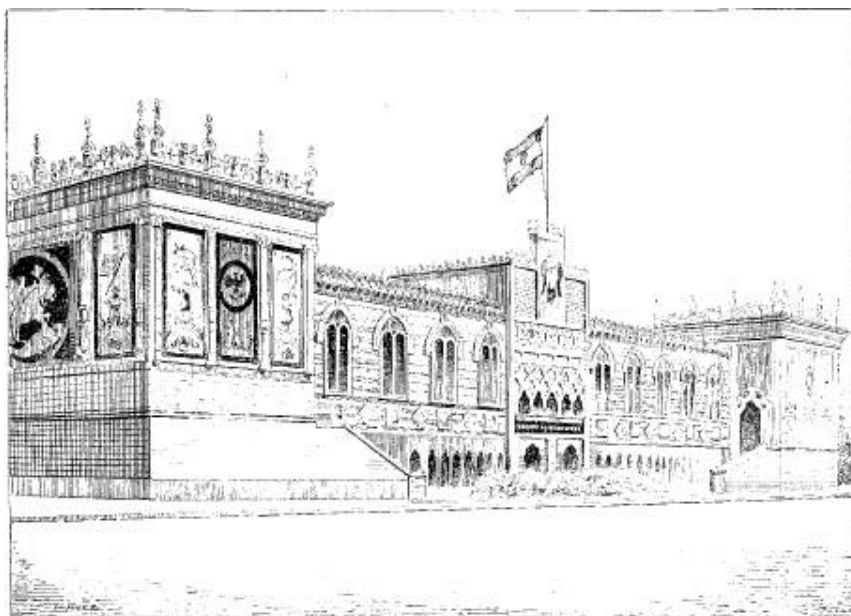
A participação espanhola na Exposição Internacional de 1876, que teve lugar na cidade norte-americana de Filadélfia, no estado de Pensilvânia onde se encontrava sediada a *Armstrong Cork Company* (Pittsburg), uma das principais corticeiras mundiais no início do século XX, aparenta ter sido bem mais sucedida. De facto, seis expositores foram premiados representando quer o setor florestal, quer a transformação de cortiça, inclusivamente com a existência de um mostruário extremenamente apetrechado com rolhas de champagne. Noutra perspetiva, também os principais polos corticeiros espanhóis estiveram presentes, com a comparência de corticeiros vindos de Gerona, de Cáceres, de Cádiz e de Badajoz, para além dos organismos estatais, como a *Escuela Especial de Ingenieros de Montes*, cuja sede era em Madrid (Exposición Universal de 1876, 157). O total de participantes com cortiça ascendeu a 18, mais três que em 1867, num total de 47 que se integraram na Classe 600, designada de *Arboricultura y Productos Forestales* (Comisaria Régia de España, 1876). O número de produtores vindos da Extremadura conheceu um crescimento muito significativo, sendo a região representada por 9 expositores – 5 da província de Badajoz e 4 da província de Cáceres –, tendo inclusivamente sido premiado Pedro Molando, de Badajoz, pela sua coleção de cortiça em prancha para o fabrico de rolhas; José Diaz Agero, de Fresno, província de Cáceres, pela coleção de cortiça em bruto e em obra; e Pedro Moreno, de Cáceres, pela sua “(...) *pequena coleção de cortiça*” (Exposición Universal de 1876, 157). Apenas dois anos mais tarde, em 1878, a Exposição Universal regressou a Paris, porém, e apesar da maior proximidade, a participação corticeira espanhola até se pautou por um menor número de expositores premiados, já que somente três o conseguiram, nomeadamente, Lopez Montemayor, vindo da Província de Cáceres, *José Barrios & C.^a*, de Pallafrugell e *Robert&Isern*, de Sevilha (Emilio de Santos, 1880).

Coube a Espanha, mais concretamente à cidade de Barcelona, a organização da Exposição Universal de 1888. Naquela que era então a principal região do globo de produção e transformação de cortiça, seria de esperar uma enorme participação dos agentes económicos corticeiros espanhóis. Contudo, se de facto o número de expositores foi considerável, não deixa de ser estranho a ausência de produtores e industriais da Extremadura, visto que a Província de Badajoz não apresentou nenhum expositor na secção florestal, enquanto a de Cáceres, com 2 expositores, apenas expôs carvões e amostras de produtos de *dehesas* de azinho (Exposición Universal de Barcelona 1888, 1888). Ainda assim, treze empresários e uma associação de municípios marcaram presença, com produtos florestais, industriais e maquinaria⁷, destacando-se a Catalunha com nove

⁷ Francisco Fuentes, de Sevilha, apresentou uma máquina de calibrar rolhas.

expositores, onde se encontrava, por exemplo, a firma *Andreu Hermanos & C.*^a de San Felú de Guixols, Gerona. No ano seguinte, a capital francesa volta a receber o certame, que ficou marcado pela inauguração da Torre Eiffel, bem como por questões políticas, que tiveram como consequência a reduzida participação espanhola. Organizada como forma de comemoração da Revolução Francesa e no centenário desta, algumas monarquias europeias, assim como a oposição interna monárquica francesa, moveram uma forte resistência à sua realização (Lasheras Peña, 2009, 129). Ao que tudo indica, perante este cenário, o governo espanhol teve uma atitude ambígua para com a Expo 1889, parecendo que queria “(...) *estar y no estar representado* (...)”, o que levou a um certo desinteresse generalizado pelo evento por todo o país (Bravo, 1899, 112). Assim, tal como Alicante não exibiu os habituais “(...) *frutos de almendro, ni algarrobo, ni dátiles, ni pañería y fundición de Alcoy* (...)”, Badajoz não expôs “(...) *nada de su industria corchera* (...)” (Bravo, 1899, 112). Salvou-se, neste panorama, Gerona que apresentou algumas cortiças, mas meramente em bruto, porque a indústria corticeira não esteve presente (Bravo, 1899, 112-113). Pior ainda parece ter sido o caso da Exposição Universal de Chicago, em 1893, quando Espanha não obteve qualquer prémio pelas suas cortiças, não obstante a apresentação de cortiça estar prevista Classe 104 – *Sustancias celulares* – do Grupo 19 – *Productos forestales y Selvicultura* (Comisión General de España, 1893, 17), bem como de maquinaria “(...) *para poner los tapones de corcho*

Figura 4 – Pavilhão de Espanha na Exposição Universal de 1889



Fonte: Bravo, 1890, 115.

(...)”, na Classe 421 do Grupo 69 – *Motores y aparatos para la producción y transmisión de fuerza* (Comisión General de España, 1893, 36). Na realidade, as únicas referências a cortiça entre os premiados referem-se às águas minerais de Marmolejo, Província de Madrid, alegadamente com características medicinais, cujas garrafas utilizavam rolhas de cortiça (Comisión General de España, 1893, 124); ao pó de arroz do barcelonês José Font acompanhado de “(...) *corcho artístico* (...)” (Comisión General de España, 1893, 262); e uma forma para correção de pé deformado “(...) *con suplemento de corcho de 5 centímetros que le faltan para llegar al pavimento*” (Comisión General de España, 1893, 360).

A postura foi diferente quando a Exposição Universal regressou a Paris, agora no ano de 1900. Neste caso, seis expositores de cortiça representaram a delegação espanhola, com a presença por parte da indústria com cortiça em bruto – Marquês de San Mori –, produtos semitransformados – Marquês de San Mori e o Conde de Malladas – e rolhas de diversos tipos e qualidades – *Esteve & C.^a* (Cáceres), Conde de Malladas, Pedro Fernández Guerrero, *Lacave & C.^a* e Germán Millán (Arroyo del Puerco, Cáceres) (Comisión ejecutiva de la Comisión General Española, 1900).

Por último, a Exposição Internacional de 1904, em St. Louis, poderá ter sido mais um caso em que questões políticas influenciaram negativamente a participação espanhola. Na realidade, as relações diplomáticas entre Estados Unidos e Espanha foram bastante conturbadas na viragem finissecular, culminando com a Guerra Hispano-Americana, em 1898. Neste contexto, foram cortadas relações que se restabeleceram, a nível comercial, com a celebração do Tratado de Navegação e Comércio, ratificado a 20 de abril de 1903. Talvez por estes motivos se explique a participação de um único agente corticeiro espanhol, a firma *Eduardo Lloset & Hijos*, com sede em Sevilha (Universal Exposition, 1904, 44).

5. Conclusão

A participação do setor corticeiro de Espanha e Portugal nas exposições universais/internacionais foi bastante equiparada, não se podendo afirmar que qualquer dos estados tenha estado sistematicamente mais empenhado que o outro na promoção do respetivo setor corticeiro, tal como não parece que os expositores corticeiros espanhóis tenham tido consecutivamente mais êxito que os seus vizinhos ibéricos ou vice-versa. Assim, se a presença do setor corticeiro espanhol teve, sem dúvida, maior impacto na Exposição de 1888 (Barcelona) e, aparentemente, na de 1855 (Londres), Portugal apresentou-se mais forte pelo menos em 1889 (Paris), com a quase ausência de representação espanhola, em 1900 (Paris), onde o número de premiados lusos é superior ao número de expositores espanhóis, e em 1904 (St. Louis), onde Portugal apresentou 24 expositores contra apenas um único vindo de Espanha.

Pode-se especular que, tendo em conta a ponderação esmagadora da produção florestal de cortiça ibérica no globo, as participações dos dois estados ibéri-

cos nas exposições universais/internacionais foram, em termo comparativos, tímidas em relação a países com pequenas quotas de produção florestal de cortiça ou até não-produtores de cortiça, mas com parques industriais transformadores de relevo. No entanto, se, por um lado, essa análise saí fora dos objetivos deste trabalho, por outro, podemos adiantar que na Exposição Internacional de St. Louis, em 1904, Itália apresentou um expositor com cortiça, a Alemanha um, os Estados Unidos da América quatro, a França três, a China um, o México um e Portugal, como anteriormente referimos, vinte e quatro, deixando certamente a impressão entre os visitantes que a cortiça era um produto com grande preponderância em terras lusas.

É ainda de salientar a grande intermitência na participação quer do setor corticeiro português, quer do setor corticeiro espanhol, nas diferentes exposições, alternando-se entre ocasiões em que toda a fileira da cortiça esteve bem representada e tendo sido inclusivamente premiada, e outras em que a cortiça esteve praticamente ausente. De qualquer forma, a verdade é que o setor não foi totalmente esquecido pelas autoridades estatais na sua promoção externa, algo que se mantém, em Portugal, através das campanhas da Associação Portuguesa de Cortiça (APCOR), muitas com apoio estatal e europeu (APCOR, 2017).

6. Bibliografia

- BRANCO, Amélia: *O Impacto das florestas no Crescimento económico moderno durante o Estado Novo (1930-1974)*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2005. Tese de Doutoramento.
- BRANCO, Amélia; SILVA, Ester Gomes da: Growth, Institutional Change and Innovation In FREIRE, Dulce; LAINS, Pedro (eds.): *An Agrarian History of Portugal, 1000-2000: economic development on the European frontier*. Leiden: Brill, 2016, p. 219-244.
- BRAVO, D. Luis: *América y España en la exposición Universal de París de 1889*. Paris: s.n., Imp. Paul Dupont, 1890.
- CHANDLER, Alfred: *Scale and scope: The dynamics of Industrial Capitalism*. 7.^a ed. Cambridge: Havard University Press, 2004.
- COMISIÓN EJECUTIVA DE LA COMISIÓN GENERAL ESPAÑOLA DE LA EXPOSICIÓN UNIVERSAL DE PARÍS: *Catálogo de los expositores de España*. Madrid: Imp. Ricardo Rojas, 1900.
- COMISIÓN GENERAL DE ESPAÑA: *Exposición Universal de Filadelfia en 1876: lista preparatória del catálogo de los expositores de España y sus provincias de Ultramar, Cuba, Puerto Rico y Filipinas, formada para uso del jurado*. Filadelfia: Imp. Campbell, 1876.
- COMISIÓN GENERAL DE ESPAÑA: *Relación de los expositores españoles premiados en la Exposición Universal de Chicago de 1893*. Madrid: Imp. Ricardo Rojas, 1894.

A participação do setor corticeiro ibérico nas exposições universais

- COMISION RÉGIA DE ESPAÑA: *Catálogo general de la seccion española de la Exposicion Universal de 1867*. Paris: Imp. Lahure, 1867.
- CORVO, João Andrade: *Relatório sobre a exposição universal de Paris*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857
- EMILIO DE SANTOS, José: *España en la Exposicion Universal celebrada en Paris en 1878*. Vol. I.: Estadística. Madrid: Ministerio del Fomento, 1880.
- EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867 EM PARIS. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867.
- EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE VIENNA DE AUSTRIA EM 1873: programma. Lisboa: Imprensa Nacional, 1872.
- EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1900. Lisboa: Imprensa Nacional, 1902.
- EXPOSICIÓN UNIVERSAL DE 1876: *Expositores de España y sus provincias de ultramar recompensados en la Exposición Universal de Filadelfia en 1876: con la relación nominal de los jueces, informes acordados por el Jurado Internacional y estado demostrativo de las recompensas por grupos y provincias*. Barcelona: Tip. Narciso Ramirez y C.^a, 1877.
- EXPOSICIÓN UNIVERSAL DE BARCELONA DE 1888: *Catálogo de la Sección Oficial del Gobierno publicado por la Comisaría Regia*. Barcelona, Lopez Robert Impresor, 1888.
- GARCÍA PEREDA, Ignacio: *Junta Nacional da Cortiça (1936-1972)*. Lisboa: Euro-natura, 2009.
- INTERNATIONAL EXHIBITION 1876: *Official Catalogue*. Philadelphia: Centennial Catalogue Company, 1876.
- LAINS, Pedro: *A economia portuguesa no século XIX: Crescimento económico e comércio externo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.
- LAINS, Pedro, SOUSA, Paulo Silveira e: “Estatística e produção agrícola em Portugal, 1848-1914”. *Análise Social*, Lisboa, vol. XXXIII, n.º 5, 1998, p. 935-968.
- LASHERAS PEÑA, Ana Belén: *España en Paris. La imagen nacional en las exposiciones universales, 1855-1900*. Santander: Universidad de Cantabria, 2009. Dissertação de Doutoramento.
- “Lista definitiva das recompensas obtidas pelos expositores de Portugal”. *Archivo Rural*, Lisboa, Ano 5, 1863, p. 637-640.
- LUXÁN, F. de: *Memoria presentada por el Excmo. Sr. D. Francisco de Luxán como Presidente de la Comisión encargada del estudio de la Exposición Internacional de Londres de 1862*. Madrid, Imprenta Nacional, 1863.
- MARÇAL, Ramiro Larcher: Relatorio geral do anno de 1889 pelo agronomo chefe da 6.^a região agronómica. Boletim da Direcção Geral de Agricultura. 4 (1892) 398-403.
- NATIVIDADE, Joaquim Vieira: *Subericultura*. Lisboa: Ministério da Economia, 1950.
- ORELLANA, D. Francisco: *La exposición Universal de Paris en 1867*. Barcelona: Libreria de Manero, 1867.
- PAREJO MORUNO, Francisco: *El negocio de exportación corchera en España y Portugal durante el siglo XX: câmbios e intervención pública*. Badajoz: Universidad Extremadura, 2009. Tese de Doutoramento.

Carlos Manuel Faisca

- PAREJO MORUNO, Francisco; FAÍSCA, Carlos Manuel e Rangel Preciado, José: “Los orígenes de las actividades corcheras en Extremadura: El corcho extremeño entre catalanes e ingleses”. *Revista de Estudios Extremenhos*, Badajoz, Tomo I, Ano LXIX, 2013, p. 461-490.
- PORTUGAL. Administração Geral das Matas do Reino: *Exposição de Philadelphia*. Lisboa: Typ Lallement Frères, 1876.
- “Prémios da Exposição Universal de Paris em 1900”. *Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa*, Lisboa, N.º 64, Ano 3, 1901.
- SIMPSON, James: *Creating Wine: The emergence of a World Industry, 1840-1914*. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- UNIVERSAL EXPOSITION 1904: *Official catalogue of Exhibits*. Saint Louis: Official catalogue company, 1904.
- ZAPATA BLANCO, Santiago: Del suro a la cortiça. El ascenso de Portugal a primera potencia corchera del mundo. *Revista de Historia Industrial*, N.º 22, 2002, p. 109-137.